

PAULO FREIRE, FILÓSOFO, PEDAGOGO E CIENTISTA SOCIAL: SINGULARIDADE E A UNIVERSALIDADE DO SEU PENSAMENTO

José Rubens L. Jardimino*

Universidade Nove de Julho

Brasil

Recepción 5/10/2007

Evaluación 3/12/2007

Aceptación 17/01/2008

RESUMO

O texto que ora apresentamos trata-se de um resumo das idéias do pequeno livro que o autor, iniciante na sistematização do pensamento de Freire, sabiamente resolveu chamar, na versão em português, de *retalhos bibliográficos* da vida e do pensamento do educador Paulo Freire. É sobre esses retalhos que convidamos os leitores da Rhela a rememorar a vida e pensamento do emblemático educador Paulo Freire, há uma década de sua morte.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento Pedagógico; História da Educação; Educadores Latino-Americanos

* É licenciado em Filosofia pela Faculdade Associadas Ipiranga (1995), possui graduação em Teologia pela Faculdade Teológica de São Paulo (1986), mestrado em Ciências da Religião - com concentração na área de Sociologia da Religião - pela Universidade Metodista de São Paulo (1993) e doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997). Realizou Estágio Pós-Doctoral em Ciências da Educação na Université Laval, Québec, Canadá (2007) e na Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colômbia - UPTC. É professor titular do Departamento de Educação da Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, Brasil, atuando no PPGE/Uninove desde sua fundação. Pesquisa e orienta teses de mestrado e doutorado nas linhas de Políticas Educacionais e Formação de Professor. Foi Decano do Departamento de Educação (2000-2003) e, Vice-Reitor Acadêmico de sua Universidade entre (2003-2006). Atualmente é professor\investigado convidado do Programa de Doutorado em Ciências de Educação de REDECOLOMBIA e das Universidades Pedagógica y Tecnológica de Colômbia; Universidade Pablo de Olavid in Sevilla, España. É Editor da Eccos Revista Científica e Presidente (2007-2011) da Sociedad de Historia de la Educación Latinoamericana - SHELA.

**PAULO FREIRE, PHILOSOPHER, PEDAGOGUE AND
SOCIAL SCIENTIST:
THE SINGULARITY AND THE UNIVERSALITY OF HIS
THOUGHT**

José Rubens L. Jardimino
Universidade Nove de Julho
Brasil

ABSTRACT

This paper deals with a summary of the ideas of the small book stated by the author, beginning within the filing of the Freire's thought. This version comes in Portuguese, it deals with the biographic remnants of life span and the thought of the educator Paulo Freire. We also invite the readers of the *Rhela* to keep a record about life span and thought of the emblematic educator Pablo Nun, who died ten years ago.

KEYWORDS: Pedagogical Thought, History of Education, Latin American Educators.

INTRODUÇÃO

Não consegui seguir o conselho de alguns autores clássicos, ao afirmam que, após terem escrito não conseguem voltar ao mesmo texto, desculpe-me antecipar a leitura¹, mas tal qual um egoísta caracol pretendo retomar alguns pontos do meu próprio escrito, doando ao leitor de língua espanhola um aperitivo.

O título desse livro em português pode parecer estranho, mais é exatamente isso que contem o livro – retalhos. Esse título foi concebido tendo como memória as reminiscências da infância, quando encostado ao tear de D. Maria Joaquina da Conceição, conhecida na família como *Maria Grande*, minha avó, que enquanto trabalha com pés e mãos, interpretavam, com gestos de carinhos e com «benditos», os retalhos de sua história contando-nos causos para nos distrair e passar a fadiga do trabalho no alto do Cariri, lá no sertão do Ceará². Parafraseando a expressão de Freire, foi *molhado na minha história* que pensei nesse livro, tecido um pouco em terras estrangeiras quando estive num *petit sejour* na França em 1999. Somente agora ela chega ao público de língua espana, pelas graças do Doctorado en Ciências de la Educación de RUDECOLOMBIA da UPTC, no qual tenho a honra de participar como professor visitante.

¹ O livro está traduzido para o espanhol e aguardamos sua publicação me breve pelo editorial da Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia.

² Para o leitor hispânico, o Cariri é a designação de uma região do norte do País onde de localiza a província do Ceará, cuja capital é a linda cidade litorânea de Fortaleza. Sertão é palavra que designa a região com terras pouco cultivadas por sua natureza semi-árida. Região de pouquíssima chuva e prevalece mais a criação de rebanho caprino.

Pois bem, o desejo e esforço com o qual construímos o livro indicado, não é o que possa academicamente chamar de biografia, por isso o chamamos de retalhos. Explico. Paulo Reglus Neves Freire, conhecido no Brasil e internacionalmente, já teve alguns bons biógrafos, portanto, não seríamos nós, quem, de maneira indireta, tomou contato com sua obra, que poderíamos biografá-lo. Achamo-nos na obrigação de dar essa explicação ao leitor. Contudo, conhecendo-o de longe e em alguns momentos, mais de perto, podemos dizer que foi uma alegria ímpar o desafio que nos lançou os nossos editores (brasileiro, e agora colombiano). Este momento prazeroso se justifica por duas implicações: a primeira, nossa identidade com Freire, seu jeito de dizer a palavra nordestinamente, de onde também migramos, certamente em situação bem distinta da dele; em segundo, porque, mesmo sem conhecê-lo, estando o mesmo no exílio, tivemos a oportunidade de, desde os idos dos oitenta, iniciarmos-nos na leitura de sua obra. Sentimo-nos neste aspecto mais seguro, não para interpretá-lo, mas para resenhá-lo.

Explicações dadas podemos afirmar que seguimos as trilhas dos biógrafos e pensadores freirianos nacionais e internacionais. Contudo, para o leitor interessado numa biografia completa e documentada de Paulo Freire, indicamos o impecável trabalho realizado pelo Instituto Paulo Freire [IPF]³ em São Paulo, sob a organização de Moacir Gadotti, publicado em primeira edição em 1996 num empenho tripartite entre IPF, Editora Cortez e Unesco, três instituições com as quais Paulo teve especial relacionamento, quando Freire ainda estava entre nós.

O opúsculo que apresento extrai três retalhos para esse debate: sinalizo rapidamente o tema da universalidade/singularidade do pensamento de Freire em segundo, nestes tempos em que a formação do professor é tema privilegiado na educação, o tema que nos interessa é o processo de formação do professor e sua consciência crítica, e por fim, um tema que tem sido transversal em minhas atividades de pesquisa ao lado da educação, a questão da religião em Freire.

1. A Singularidade e a Universalidade do Pensamento de Paulo Freire.

O pensamento do pedagogo e filósofo da educação, Paulo Freire, nos leva a considerar seu trabalho em duas direções: uma que diz respeito à singularidade de seu trabalho no limiar das mudanças de uma sociedade fechada que ensaiava se abrir nos planos, político, social e econômico e outro, que se

³ GADOTTI, Moacir. et.al. (1996): *Paulo Freire uma Biobibliografia*. São Paulo: Editora Cortez; Instituto Paulo Freire (IPF); Brasília, DF: UNESCO.

refere à universalidade de seu pensamento, tendo em vista sua abrangência em outros países. É no Brasil dos anos 50/60 que Paulo, banhado por muitas influências intelectuais e políticas, se debruça na prática pedagógica da qual, mais tarde elaboraria toda sua teoria de educação. A singularidade do chão no qual o pedagogo realizou seu trabalho pode ser chamada de uma singularidade ampliada, pois se tratava da experiência de opressão dos cidadãos do terceiro mundo. Ela é singular porque seu projeto se propõe a reintegrar o indivíduo no mundo como um ser de relações, e portanto, possibilita a retomada de sua natureza como *homo politicus*.

A outra direção a que nos referimos aponta para a universalidade de suas idéias e práticas. É claro que não estamos afirmando que as idéias de Freire foram universalmente aceitas por onde quer que tenham chegado. Seu pensamento, e especialmente sua prática pedagógica, sofreram inúmeras críticas. Quando falamos em universalidade, estamos nos referindo à repercussão que tiveram suas idéias nos lugares/continentes por onde andou. Uma das críticas mais severas a Freire diz respeito exatamente à questão da universalidade. Linda Harasim, em tese⁴, aponta que a teoria e a prática de Freire não foram capazes de realizar o trabalho de alfabetização consciente que ele e sua equipe propunha na África, em Guiné Bissau. Harasim indica como fator principal deste insucesso a imposição de uma visão ocidental numa sociedade africana. Possivelmente, segundo a pesquisadora, pensava Freire que seu método tivesse um valor universal e pudesse ser apropriado a qualquer sociedade do terceiro mundo. A autora acusa Freire de uma visão romântica de educação e política. Afirma que a contradição fundamental do seu trabalho na África reside no fato de que o conceito de Freire de 'política' foi enraizado nas noções morais e filosóficas e não contém implícito um plano de ação.

Dessa maneira, o que estou chamando de singularidade e universalidade do pensamento de Freire não deve ser lido somente na repercussão da ação prática do seu método de alfabetização no Brasil e no mundo, mas em sua proposta pedagógica de uma educação libertadora e conscientizadora, que pode se universalizar em qualquer espaço em que homens e mulheres se encontrem em uma situação de aculturação opressiva e desumanizante. Especialmente neste momento em que a globalização e o neoliberalismo conseguiram mundializar os mercados, mundializando, conseqüentemente, a opressão e a miséria dos excluídos, a proposta de uma educação problematizadora e conscientizadora de Freire destina-se não somente ao Brasil e ao terceiro mundo, mas sua urgência pode ser percebida e reclamada até mesmo nos paraísos do capital neoliberal.

⁴ HARASIM, Linda M. (1983): *Literacy and National Reconstruction in Guiné Bissau: a critique of the freirean literacy campaign*. Ph.D Dissertation, OISE, University of Toronto.

2. Formação do professor: reflexão – ação – reflexão na e pós-ação

O tema da formação do professor tem merecido muito destaque nos programas e políticas educacionais, todavia são nos núcleos de pesquisas e/ou programas de estudos pós-graduados que esse tema tem sido criticamente realçado à luz das exigências do momento contemporâneo. A discussão se volta para uma formação que ultrapasse as exigências lineares e instrumentais da política educacional e se aventure em propostas mais audaciosas na busca de formar o professor para o próximo Milênio, à altura das exigências da chamada sociedade do conhecimento – técnico-científica. O Relatório da Unesco sobre a Educação⁵, ressalta as peculiaridades desse educador para o novo Milênio.

O tema da Educação tem sido, nesses últimos anos, analisado sob a perspectiva e sua relação com as chamadas «novas tecnologias». O Professor Paulo Freire ensaiou algumas reflexões sobre a temática, embora não tenha se debruçado intensamente sobre o assunto. Dizia-se um homem do seu tempo e, portanto, teria que aceitar o uso das novas tecnologias, desde que não ferisse os princípios básicos de sua pedagogia.

Esse momento contemporâneo tem se tornado um tema relevante na pesquisa educacional, nas quais as tecnologias aparecem numa perspectiva do reencantamento e da sedução pelo *novo*. A possibilidade de criar novos mundos por intermédio de múltiplos e diferenciados usos das tecnologias tem lançado muitos questionamentos para os campos em que a educação atua. Podemos pensar em educação à distância através da múltiplas formas de tecnologias interativas, tais como internet, vídeo-conferências, etc.

As pesquisas em Educação, seguindo essa linha de estudo, têm refletido, sobremaneira, o lugar do professor em um novo modelo educacional. Para os espíritos mais apressados, não há mais lugar para o professor dentro desta nova investida do ato de aprender e ensinar. Essa reflexão nos leva a perguntar sobre o tipo de profissional da educação que pretendemos ‘formar’ neste final de milênio.

O último livro de Freire – *Pedagogia da Autonomia*⁶ - nos permite afirmar que esse novo professor que estão arquitetando sob mil artifícios, não será nada de novo se negligenciarmos três aspectos importantes do ato de ensinar: 1) ensinar é um ato que exige uma mescla de objetividade e subjetividade, ou seja, rigor metodológico e criticidade; 2) autonomia e respeito aos educandos enquanto seres históricos, culturalmente condicionados; 3) corporeidade no

⁵ DELORS, Jacques. (1996): *Educação um tesouro a descobrir*. relatório para a Unesco de Comissão Internacional sobre Educação para el século XXI. Brasília; São Paulo: Unesco: Cortez.

ato de aprender e ensinar, numa frase - o ato de aprender e ensinar é um ato de razão e emoção.

Paulo, durante toda sua vida e em seus escritos foi nos banhando corporeamente com expressões que significavam estar por inteiro na tarefa de ser *ensinantes*. Entendemos portanto que, mesmo quando o 'novo' está sendo formado no mundo encantado das tecnologias, se não tivermos a experiência dialógica, a consciência crítica da tarefa e do lugar social em que está localizada a educação, e a paixão pelo ato de ensinar, realmente o lugar do educador, nesse tempo de transformação, está fortemente ameaçado. Esse aparato tecnológico poderá, assim como no passado, talvez por outros caminhos, nos levar ao que o professor Paulo Freire criticou duramente: a educação tecnicista, chamada por ele de educação bancária. Sem atenção a esses aspectos, a educação para o século XXI, não se apresentará diferentemente da que Freire tanto criticou e buscou transformar.

Dessa maneira, o espaço pedagógico, numa perspectiva contemporânea, terá que, por forças da conseqüente tecnologização do mundo, reinventar novos espaços formativos do aprender-aprender, novas relações didático-pedagógicas, que perpassem os níveis da linguagem, da cultura e do social. Entendo que aí devemos um tributo especial à Filosofia da Educação de Freire, na qual o espaço didático sempre foi o lugar de síntese, onde o professor é constantemente chamado a reinventar o seu papel. Se pensarmos a formação do professor nessa perspectiva, não necessariamente acontecerá a substituição do professor pelas novas tecnologias de aprendizagem, mas, a modificação de suas funções: o professor se transformará no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, pesquisar e buscar a informação mais relevante. Ele irá coordenar o processo de apresentação dos conhecimentos adquiridos ao seu aluno, depois questionar os dados, contextualizá-los e adaptá-los à realidade desses aprendizes e ensinantes. Em suma, ser apenas mais um outro nessa relação dialógica, e não mais o único sujeito da Educação. Eles terão a tarefa de transformar a informação em conhecimento e o conhecimento em saber.

Assim, a formação do professor toma novos rumos. Não está baseada somente na problemática das novas tecnologias, mas na formação intelectual do professor. Conforme Freire, ensinar exige risco e a «disponibilidade ao risco, ao novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo⁷».

⁶ FREIRE, Paulo. (1996): *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e terra. (Col. Leitura).

⁷ *Ibidem*. p.39

As correntes atuais que estudam a formação de professor de certa maneira também beberam na fonte de Freire. Alguns exemplos estão muito próximos de suas idéias: alguns estudiosos europeus reivindicam a transformação do professor num intelectual que busca, a partir de sua prática, o significado de sua ação educativa e dos interesses a que ela serve, e em que medida ela contribui para manter ou transformar o quadro do sistema em que atua. O professor faz da sua experiência sua mais importante fonte de aquisição, partindo da análise de suas práticas para compreender as formas como enfrenta os problemas complexos da vida escolar, como utiliza seu conhecimento e como cria novos procedimentos e estratégias. Esse tipo de reflexão, numa linguagem freiriana, implica em o educador se *ensopar* nas águas de sua cultura e de sua história, consciente de ser e vir-a-ser-no-mundo. Mergulhar no mundo da sua experiência e sentimentos, um mundo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos, correspondências afetivas, interesses sociais e, ao mesmo tempo perceber, a partir de uma compreensão teórica o que está se dando no mundo da objetividade.

A proposta dessa corrente que discute a formação do professor orienta o ato reflexivo em três processos, apontados como conhecimento na ação, reflexão-na-ação e sobre a reflexão na ação. Sempre que se executa uma ação, há por trás dela um tipo de conhecimento advindo de experiências e reflexões passadas – conhecimento na ação. Este é o dado primeiro de uma práxis.

Essa linha de pensamento prioriza a organização do processo reflexivo e propõe quatro ações básicas: descrição, informação, confrontação e reconstrução [algo muito próximo do que Freire e sua equipe fizeram nos círculos de cultura]. Na descrição, o professor preocupa-se em descrever sua própria ação, procurando responder a questão: «o que eu faço?». É o início da problematização. Na informação, ao responder a questão: «o que isso significa?», o professor busca a compreensão dos princípios que fundamentam sua ação, atribuindo-lhes significados. A questão a ser enfrentada na confrontação é: «de que forma chego a isso?». O professor questiona a sua ação a partir do entendimento de que ela não é produto de uma preferência idiossincrática, mas de normas culturais profundamente arraigadas. Trata-se de uma tentativa de situar a ação do professor e do aluno num amplo contexto cultural, social e político, fazendo-o abandonar a idéia de que o fazer pedagógico é um fazer puramente técnico. Ao encarar a questão: «como posso fazer diferentemente?», o professor se propõe a uma reconstrução de sua ação. Não considerando mais a realidade educacional como imutável e repensando sua prática a partir das particularidades locais, os envolvidos no ato educacional ganham a dimensão de suas ações.

Estamos aqui falando de construção de autonomia, pois o professor que embasa sua prática na reflexão não mais depende unicamente das técnicas, regras e receitas pré-definidas na instância da administração escolar; ele mesmo constrói uma teoria adequada à situação singular da sala-de-aula, comparando novas estratégias de ação, novas teorias e novos modos de enfrentar e definir problemas. E mais: o professor reflexivo abandona a postura autoritária de detentor exclusivo do saber, dá «razão» aos alunos ao reconhecer os seus saberes e atuar como um investigador que procura desvendar as articulações realizadas por eles para chegarem àqueles saberes.

Diante deste quadro, que às vezes se nos apresenta como condição «*sine qua non*» para habitarmos o mundo contemporâneo, as perguntas que motivam essa reflexão são necessariamente sobre o impacto das chamadas «novas tecnologias» na educação: as tecnologias alteram de modo irremediável as relações didático-pedagógicas a ponto de reencantar a educação? Ou, as mesmas se constituem apenas em instrumental técnico como suporte didático? Será ainda o paradigma racionalista de que a mente ainda é o lugar mais seguro do cogito e da psique (lugar da integração dos sentimentos, razão e emoção) que norteia até os dias atuais as nossas relações didático-pedagógicas? Relativizando o contexto e guardando a devida distância, o pensamento de Paulo Freire reflete muitas luzes no que hoje chamamos de Formação do Professor Reflexivo.

Dessa forma, não se pode aceitar a desproblematização do futuro numa compreensão mecanicista da história, como dizia Freire. Ao aceitar o imperativo econômico-político neoliberal, expressos nas utopias tecnológicas para os povos do terceiro mundo, estamos nos submetendo a um processo de desesperança necrófila [de morte]. Sem sermos resistentes às novas tecnologias, devemos humanizá-las, para que assim, possa estar a serviço do homem, produzindo esperança e não ilusões. A esperança que temos para a educação não é a simples desproblematização do mundo e o fim das ideologias como algo mecanicamente produzida pelas ‘máquinas inteligentes’, mas uma esperança de que educador e educandos juntos possam aprender e ensinar, tornarem-se inquietos e produtores solidários da resistência contra os obstáculos que se apresentam para o homem, que continua oprimido, neste final de século e milênio.

3. Freire e a Religião: Libertação, uma chave hermenêutica

Uma leitura teológica dos conceitos de Paulo Freire se tornou, por toda a América Latina, muito em voga nos anos 80. Possivelmente, pela similaridade temática com a linguagem da Igreja latinoamericana, após o Concílio Vaticano II e as conferências episcopais de Puebla e Medellín. No outro lado, na Igreja Oficial e conservadora, também proliferaram críticas duríssimas às idéias e aos conceitos de opressão/ libertação.

Para dizer da importância e da influência do religioso na obra do autor, reproduzimos suas próprias palavras em correspondência a um jovem teólogo: «Ainda que eu não seja teólogo, mas um ‘enfeitiçado’ pela teologia que marcou muitos aspectos de minha pedagogia, tenho, às vezes, a impressão de que o terceiro mundo pode, por isso, converter-se em uma fonte inspiradora do ressurgir teológico”⁸.

De maneira muito mais abrangente, podemos afirmar que a questão religiosa acompanha a obra de Paulo desde os primeiros momentos de sua formação intelectual. É possível perceber nos seus primeiros escritos a influência marcante do humanismo cristão, autores como Tristão de Athayde, Jacques Maritain, Emmanuel Mounier, dentre outros. Numa perspectiva cronológica, podemos perceber as orientações cristãs religiosas pelas quais Freire transita. Poderíamos dizer que nos primeiros anos, as idéias religiosas de seu trabalho foram marcadas pela corrente humanista e pelo existencialismo. Sua obra denota, claramente, uma reação às visões de mundo que minimizavam o potencial do ser e reduziam o homem a uma coisa à mercê das entidades superiores, especialmente o Estado, nas quais o homem perde sua consciência própria.

As correntes de humanismo buscam reorientar as energias do homem para devolvê-lo ao lugar de protagonista da história. De onde podemos perceber seu direcionamento para uma via mais existencialista, no qual se encaminha para afirmar que o ser definitivo não existe, pois ele é existência, e portanto, é no tempo e não fora dele que o homem se define como um ser sendo. Isso entendemos como um humanismo que ressoa em toda a obra de Freire: o valor do homem e a busca de sua libertação. Daí, Paulo, consciente da realidade concreta em que vive o homem, chega até Marx, embora sem ter nunca se tornado um marxista. Na década do exílio, Paulo se vê de frente com a realidade mais dura dos poderes políticos de castração na América Latina, na qual pode perceber a importância das ferramentas de análises do pensamento de Karl Marx, pois ao fazer um retrato das relações econômicas e dos modos de produção capitalista, Paulo percebe a atualidade desse instrumental para seu trabalho.

A partir desse encontro, que o reorientou no sentido da filosofia da práxis, Freire retrata a relação de opressor/oprimido que tornam as relações humanas em jogos de poder alienantes, estabelecendo claramente a situação de dominação entre os homens. É esta visão de homem que tem e a procura do ‘homem novo’ que busca a libertação, que determina uma cosmovisão religiosa da obra de Paulo, fundamentalmente embasada nos imperativos do evangelho: Esperança, amor, denúncia/anúncio [profetismo], utopia e libertação. Disse um de seus interpretes: «em Freire, o teológico subexiste permanentemente como fonte de reflexão e ação, como compromisso e práxis».

⁸ FREIRE, Paulo. (1977): Terceiro Mundo e a Teologia. Carta a um jovem teólogo. In: TORRES, C.A. (org). Consciência e história: la *Práxis educativa de Paulo Freire*, México: Ediciones Guernika, p. 90.

Assim, podemos saltar da antropologia para a pedagogia e desta para a teologização da obra de Freire. É claro que ele não é teólogo, o que fazemos é um esforço de compreendê-lo nesta perspectiva, uma vez que foi ‘molhado’ também pelas águas do cristianismo, na forte cultura cristã do nordeste brasileiro. É possível perceber que o esforço humano de buscar, pela consciência, a libertação tem um valor transcendente. A tarefa que cabe ao homem de criar e recriar o mundo só é possível numa visão cristã do Deus criador, que se fez limitado pelo ato de amor ao homem, e ao invés de realizar toda a obra, lança o desafio à criatura: a tarefa permanente de recriação do mundo. Todavia esse desafio pressupõe, de imediato, novas condições: a superação da alienação [que em teologia pode ser traduzido como pecado] e a busca ininterrupta de sua humanização/libertação. Explica Paulo «a primeira condição para saber ouvir e efetivamente pôr em prática a Palavra de Deus é, na minha opinião, estar genuinamente disposto a se comprometer no processo de libertação do homem (...) A Palavra de Deus me convida, em última análise, a re-criar o mundo, não para a dominação de meus irmãos, mas para sua libertação (...) Isso significa que ouvir a Palavra de Deus não é um ato passivo, nem um ato em que somos recipientes vazios a serem preenchidos por essa palavra que não poderia, então, ser *salvadora*. Essa Palavra de Deus, enquanto salvadora, é uma Palavra *libertadora* que os homens têm que assumir historicamente. Os homens devem transformar-se em sujeitos de sua salvação e libertação

Três antagonismos, que se tornaram conceitos fortes na obra do autor, são, o que chamamos chaves de interpretação da influência religiosa na obra de Paulo Freire: Opressão/Libertação; Esperança/Consciência; Denúncia/Anúncio.

Considerando que toda teologia tem que, antes de tudo, ser antropologia, pois é na aproximação homem/mundo que poderemos nos aproximar de Deus, qual valor da encarnação/anunciação para a práxis cristã?. Sem essa compreensão, para nada serviria a constatação do evangelista ‘e o verbo se fez carne e habitou no meio de homens’.

Em primeiro lugar, está a chave de interpretação religiosa ‘opressão/libertação’. Foi a partir da prática pedagógica que Paulo viu a necessidade de teorizar sobre essa duas dimensões que percebeu e vivenciou ao longo de sua vida. Eles, pela via educacional, revelam o conteúdo humanístico religioso da obra do autor. Pode aprofundar muito mais a compreensão religiosa dessas duas dimensões quando esteve no Conselho Mundial de Igrejas, com sede em Genebra, trabalhando no setor de educação. Essa vivência possibilitou ter uma visão maior do processo de opressão e apoiar as lutas pela libertação nos primeiros e terceiros mundos. Acompanhou os processos de hospedagem do opressor na pessoa do oprimido, nas culturas do sul e do norte. Em sua primeira viagem à África, relata, ao Conselho Mundial de Igrejas – CMI/

WCC, essa forte relação de dominação/opressão. Em suas primeiras imagens sobre a situação na África pode perceber a voz do colonizador depositada nos oprimidos causando-lhes uma apatia diante de um mundo que parecia não ter condições de mudanças, produzido numa ‘cultura do silêncio’. Ali Paulo também percebia a necessidade urgente de uma ação cultural para libertação⁹.

Nessa sua incursão no organismo religioso, Freire chama a atenção da Igrejas latinoamericanas para o compromisso com a libertação dos oprimidos, através da educação e do compromisso político, uma vez que vê, mesmo na instituição Igreja, a impossibilidade da neutralidade política. Ressalta Paulo que o amor ao próximo não pode ser compreendido sem essa coragem de se comprometer com o mundo e com os fracos. Se as igrejas temem esse compromisso transformam-se, na verdade, em igrejas sem amor, [portanto anti-Igreja], pois o contrário de amor não é o ódio, mas o medo de amar, que em suma é o medo de ser livre. E acrescenta. A maior e única prova de amor verdadeiro que os oprimidos podem dar aos opressores é retirar-lhes, radicalmente, as condições objetivas que lhes conferem o poder de oprimir... somente assim os que oprimem podem se humanizar. É esta tarefa amorosa, que é política, revolucionária, pertence aos oprimidos. Os oprimidos na verdade se transformam em educadores. Os opressores, enquanto classe que oprime, jamais libertam e jamais se libertam. Só a debilidade dos oprimidos é suficientemente forte para fazê-lo.

A opressão/libertação é pois uma chave de interpretação da perspectiva teológica/religiosa da obra de Freire. Foi pois, a partir dessa análise que o teólogo Enrique Dussel lhe conferiu a paternidade do novo pensamento latino-americano. Outros importantes teólogos, católicos e protestantes, se debruçaram em sua obra para analisar o teor teológico de seus escritos. Dentre eles, Rubem A. Alves, Juan Luis Segundo, Leonardo Boff.

A segunda chave de leitura teológico/religiosa da obra de Freire vem da relação entre duas palavras de grande valor simbólico para a Religião e Política: Esperança e Consciência. A primeira tem em muitos teólogos a fonte de suas obras. Paulo leu e se inspirou muito em Jürgen Moltmann¹⁰,

⁹ Ver. Impressions de Paulo Freire sur son voyage en Afrique – Bureau de l’Education du Conseil Oecuménique des Eglises, 1971.

¹⁰ Trata-se da obra mais famosa de J. Moltmann «Theologie Hoffnung» (Teologia da Esperança) publicada em 1964, em Munique, propondo uma nova interpretação cristã sobre o tema da esperança cristã. Moltmann introduz uma dimensão criativa na esperança, levando em conta a situação sócio-política dos agitados anos 60. Afirmava, que nós não somos somente os interpretes do futuro, mas já os seus colaboradores, cuja força, na esperança como na realização, é Deus. Cf «Umkehr zur Zukunft», livro publicado em 1970 em Munich, no qual retoma, de forma mais simples, os temas centrais da Teologia da Esperança Cristã. Essas idéias de um cristianismo ativo e revolucionário foram por demais influenciadora da Pedagogia Freiriana.

que elegeu a Esperança como fundamento do seu discurso teológico. A segunda foi fortemente influenciada pela leitura de Marx. Freire chegou mesmo, a abandonar em alguns momentos, o uso dessa expressão-força, porém sem jamais deixá-la de encarnar sua obra. Explicou sobre a renúncia de dizer essa palavra ao seu amigo e intérprete de sua obra, Carlos Alberto Torres, dizendo: « Você me indaga sobre o ter deixado de fazer referências diretas à palavra ‘conscientização’. É verdade. A última vez em que me estendi sobre o tema foi em 1974 – já fazia quatro anos ou menos que eu não a usava – num seminários no Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, com Ivan Illich, em que ele retomou o conceito de ‘desescolarização’ e eu o de conscientização. Naturalmente, contudo, ao não usar a palavra, não recusei seu significado. Como educador, portanto como político, estive sempre envolvido com a compreensão mais profunda do conceito nas minhas atividades prático-teóricas. Tive, inclusive, razões, para desusar a palavra. Nos anos 70, com exceções, é claro, falava-se ou se escrevia de conscientização como se fosse ela uma pílula mágica a ser aplicada em doses diferentes com vistas à mudança do mundo. Mil pílulas para um patrão reacionário. Dez para um líder sindical autoritário. Cinquenta pílula para um intelectual cuja prática contradiz o discurso etc, etc. Me pareceu àquela época, e sobre isso conversei com Elza, que, de um lado eu deveria de uma vez deixar de usar a palavra, de outro, procurar, em entrevistas, em seminários, em ensaios – o que fiz realmente – aclarar melhor o que pretendia com o processo conscientizador, no sentido de diminuir os riscos abertos às interpretações idealistas, tão funestas quanto as objetivistas mecanicistas¹¹”.

Para o autor, esses termos não trazem contradição, pois no conceito de esperança é possível entender o de conscientização. Para compreender e transformar o mundo, o homem necessita de tomar consciência de sua historicidade, uma vez que ele não apenas está no mundo, mas nele e com ele, nas relações com e na realidade pela qual se possibilita o ato de conhecer. Neste perspectiva, conscientizar é *desocultar* as verdades ideológicas escondidas para que a partir de reflexão crítica do mundo, das coisas e dos seres, possa encarnar sua *terracidade*.

Já no início de sua obra, em *Educação como Prática da Liberdade*, Paulo procura fazer uma distinção entre consciência crítica, consciência ingênua e consciência mágica, para fugir do senso comum que por ventura o termo pudesse conter. Explica que consciência ingênua é a simples apreensão humana dos dados da realidade e seus ‘nexos causais’. Apreende-se o fenômeno na sua estatização como algo absoluto e estabelecido. Na consciência crítica, a realidade é problematizada, pois a causalidade dos fenômenos estão em constante análise denotando a dinamicidade e transformação do mundo e das coisas. Nesse tipo de consciência os fenômenos são estudados dentro do marco da temporalidade, sem jamais transcendê-la. E, por fim, a consciência

¹¹ FREIRE, Paulo. (1991): *Educação na cidade*. São Paulo: Cortez, p. 113,114.

mágica coloca o homem acima da realidade fenomenal, julga poder compreender o mundo com poderes superiores.

A palavra conscientização foi também uma chave de interpretação teológica da obra do autor, a partir dos enunciados da chamada «Teologia da Libertação» que, exaustivamente empregou o tema-palavra. A religião que por natureza esteve sempre ligada aos conteúdos transcendentais se aproxima do homem-mundo para participar de um processo de conscientização de sua historicidade. Para isso, re-interpreta o livro sagrado e coloca muitas questões caras à tradição bíblico-teológica da Igreja estabelecida. Muitos educadores do povo e religiosos se inspiraram na pedagogia freireana e em seus conceitos para afirmar que conscientização *mundaniza* a Igreja para torná-la nova igreja a caminho da libertação, portanto prenhe de esperança e de amor pelo homem. Esperança, portanto, é o caminhar consciente da prática, na trilha de humanização do ser – Igreja é povo de Deus que caminha em busca de libertação. Essa esperança moveu as massas na América Latina e a Pedagogia de Freire. Seus conceitos chaves foram se tornando palavras também teológicas em muitos lugares. Dizia Freire «devemos nos transformar em descobridores de novas possibilidades e, em tempo, torná-las concretamente reais (...) Uma teologia em que a esperança fosse uma espera sem busca seria profundamente alienante porque estaria considerando o homem como alguém que tenha renunciado a sua práxis no mundo; negaria o homem como ser de transformação e negaria ainda a própria salvação como busca na conversão. A salvação deve ser trabalhada para ser esperada. A esperança de caráter fatalista, em que nada faço no mundo exceto esperar que o que existe além dele seja puro, justo e bom, leva-nos a uma espera inativa e, por isso mesmo falsa. Esta espera nos leva à acomodação, ao ‘status quo’ e encerra um equívoco fatal: a dicotomia absurda entre *mundanidade* e transcendência¹²» Esta voz de Paulo, representa uma chave de interpretação de sua obra a partir do religioso. É um lugar quase que teologal.

Por fim, vem a concepção de anúncio/denúncia que, em última instância, representa a discussão entre ação e reflexão, entre teoria e prática que permeia a obra de Paulo. Todavia esses conceitos são carregados de significação religiosa e/ou teológica, e a eles muitos recorreram. Freire usou-os numa perspectiva teológico-religiosa. Para Torres, em obra já citada, «Freire é consciente de que, colaborando com a pronúncia da palavra, o homem não pronuncia a Palavra-Mundo, mas também reconhece o criador (...) Neste particular, Freire entendeu a relação entre anúncio/denúncia como unidade indissociável, pois ao denunciar as estruturas que o desumaniza o homem, busca anunciar a sua possibilidade de ser mais no palco da história, ou seja, luta em esperança para chegar à plena humanidade dele e de seus semelhantes. Nesta perspectiva, eles se tornam «profetas» e poderão pronunciar uma palavra autêntica de esperança.

¹² FREIRE, Paulo. (1977): Terceiro Mundo e a Teologia. Carta a um jovem teólogo. In: TORRES, C.A. (org). *Consciencia e historia: la Práxis educativa de Paulo Freire*, México: Ediciones Guernika. p. 89.

É por isso que podemos perceber um discurso da tradição religiosa judaico-cristã na obra do autor em pauta e o seu compromisso com uma igreja profética e inserida no mundo, que sabe decifrar os sinais dos tempos de sua mundanização e a partir dele gestar um novo mundo. Essa será uma Igreja profética na perspectiva freireana e na perspectiva da teologia latino-americana. Escreveu Paulo que a igreja se perde «ao privar-se da sua visão profética, a sua tendência é formalizar-se na ritualização burocrática em que a esperança, sem relação com o futuro, é mera abstração alienada e alienante. Em lugar de ser um estímulo ao caminhante é um convite à estabilidade. No fundo, esta é uma igreja que se proíbe de se fazer a Páscoa de que fala. É uma Igreja ‘morrendo de frio’», sem condições de responder aos anseios de sua época e não pode experimentar a unidade denúncia/anúncio. Denúncia de uma realidade injusta enfiada pela opressão do mundo, nem tampouco percebe a urgência de meio à feiura do mundo, trabalhar anunciando uma realidade a ser criada como ruptura e transformação total da anterior. Para maiores detalhes desta concepção freireana da Igreja, remeto o leitor ao seu artigo «*O papel educativo das igrejas na América Latina*»¹³.

Assim, podemos perceber que as unidades denúncia/anúncio e ação/reflexão na obra de Paulo estão fartamente marcadas pela visão de mundo religioso e na mais radical tradição teológica do vétero-testamentária.

É claro que não podemos, ingenuamente, dizer que Paulo fez teologia, como em alguns momentos o compreenderam na América Latina. Ou mesmo de fazer confusão entre as esferas da teologia e da pedagogia, conforme a crítica de Edmundo Caffarema, em artigo publicado em 23/08/1975, no jornal argentino «La Capital», publicado em Rosário. Paulo Freire foi pedagogo, educador e filósofo, mas acima de tudo um homem molhado por sua cultura e sua existência, por isso mesmo, nada mais normal que se envolvesse na época de 70/80, com a efervescente discussão e debate do religioso na América Latina, sob a égide da Teologia da Libertação, de versão católica e protestante.

Considerações finais

Parece que Freire, embora não tenha estudado teologia, foi marcado por essa tradição teológica, nos anos em que conviveu com teólogos do mundo inteiro, no Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra. Atentem para essas palavras do autor na linha do acima expusemos do discurso teológico: «a primeira condição para saber ouvir e efetivamente por em prática a Palavra de Deus é, em minha opinião, estar genuinamente disposto a se comprometer no processo

¹³ Este artigo de difícil acesso foi publicado pela primeira vez em agosto de 1972 na Revista *Perspectiva de Diálogo*, Montevideo, Centro Pedro Fabro. Depois publicado em muitos outros países. Uma versão ampliada foi publicada no livro «Os cristãos e a libertação dos oprimidos» Lisboa, Edições BASE, 1978, 49p. e no Brasil, publicado como capítulo do livro do próprio Freire: *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982.

de libertação do homem (...) A palavra de Deus me convida, em última análise a re-criar o mundo, não para a dominação de meus irmãos, mas para sua libertação (...) Isso significa que ouvir a Palavra de Deus não é um ato passivo, nem um ato em que somos recipientes vazios a serem preenchidos por essa palavra que não poderia, então ser *salvadora*. Essa palavra de Deus enquanto salvadora é *libertadora* que os homens têm que assumir historicamente».

Penso que essas chaves de interpretação teológica da obra de Freire não a minimizam na sua estrutura teórico-prática pedagógica e filosófica, no que pese a resistência no Brasil em relação o trabalho do teólogo, quando na Europa, onde Freire viveu muitos anos de exílio, a Teologia faz parte da academia. Para concluir e fundamentar esse viés na obra do autor, concluo com suas próprias palavras: «Ainda que eu não seja teólogo, alinho-me com os que consideram que a teologia tem uma importante função a desempenhar. (...) Mas, estou convencido de que ao aceitar a posição revolucionária que defende cientificamente a transformação ao mesmo tempo, do homem e da realidade, sigo o verdadeiro caminho cristão¹⁴».

BIBLIOGRAFIA

CONSEIL CECUMÉNIQUE DES ÉGLISES. (1971): *Impressions de Paulo Freire sur son voyage en Afrique*. Rapport du Bureau de l'Éducation du Conseil Ecuménique des Eglises. Genebra.

DELORS, Jacques. (1996): *Educação um tesouro a descobrir*. relatório para a Unesco de Comissão Internacional sobre Educação para el século XXI. Brasília; São Paulo : Unesco : Cortez.

FREIRE, Paulo. (1967): *Educação como prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____ (1970): *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____ (1971): *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____ (1977): Terceiro Mundo e a Teologia. Carta a um jovem teólogo. In: TORRES, C.A. (org). *Consciência e história: la Práxis educativa de Paulo Freire*, México: Ediciones Guernika.

_____ (1982): *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez: Autores Associados.

_____ (1991): *Educação na cidade*. São Paulo: Cortez.

¹⁴ FREIRE, Paulo. (1977): Terceiro Mundo e a Teologia. Carta a um jovem teólogo. In: TORRES, C.A (org). *Consciência e história: la Práxis educativa de Paulo Freire*, México: Ediciones Guernika, (passim).

_____ (1992): *Extensão ou comunicação?* 10ª ed. R. Janeiro: Paz e Terra.

_____ (1992): *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____ (1996): *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HARASIM, Linda M. (1983): *Literacy and National Reconstruction in Guiné Bissau: a critique of the freirean literacy campaign*. Ph.D Dissertation, OISE, University of Toronto.

GADOTTI, Moacir. (1991): *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione.

_____ (1993): *História das ideias pedagógicas*. São Paulo: Ática.

_____ (1995): *Pedagogía da Práxis*. São Paulo: Cortez.

_____ (Org.) (1996): *Paulo Freire – una biobibliografía*. São Paulo: IPF: Cortez: Unesco.

_____ (1994): TORRES, Carlos Alberto. *Educação popular: utopia latinoamericana*. São Paulo: Cortez: Edusp.

TORRES, Carlos Alberto. (1992): *A política da educação não-formal na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____ (1977): TORRES, C.A. (org). *Consciencia e historia: la Práxis educativa de Paulo Freire*, México: Ediciones Guernika.

_____ (1987): *Leitura crítica de Paulo Freire*, São Paulo: Loyola.

_____ (1998): et al. *Education and democracy; Paulo Freire, social movements and educational reform in São Paulo*. Colorado: Westview Press.

VON RAD, Gerhart. (1986): *Teologia do antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, v. I e II

<p>LIMA JARDILINO, José Rubens. (2008): «Paulo Freire, filósofo, pedagogo e cientista social: singularidade e a universalidade do seu pensamento», en <i>Revista Historia de la Educación Latinoamericana</i> No.10, Tunja, Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, RUDECOLOMBIA, pp.-40 -56</p>
--